ANO I N.º 1 1926-FEVEREIRO

O TIRO NACIONAL

BOLETIM OFICIAL

DA

FEDERAÇÃO DO TIRO NACIONAL PORTUGUÊS

PRESIDENTE

Coronel Francisco Maria Pinto da Rocha

COMISSÃO EXECUTIVA

Dr. Antonio A. da Silva Martins, presidente.
Dario Canas, vice-presidente.
João Matos, tesoureiro.
Tenente Manuel da Silva Guerra, secretario.
Fernando Augusto Pinto Viegas, secretario.
Cap. Ant. S. de Andrea Ferreira, vogal efectivo.
Manuel Antonio dos Reis, vogal efectivo.
Pedro Calvet Taveira Pinto, vogal substituto.
Carlos Marrafa, vogal substituto.

COMISSÃO TECNICA

Chefe da 4.ª R. da 1.ª D. G. S. G., presidente.
Chefe da 2.ª S. da 4.ª R. da 1.ª D. G. S. G. vogal.
Dir. da C. T. «Vergueiro Ducla-Soares», vogal.
Major Francisco Antonio Real, vogal.
Capitão Herminio Rebelo, vogal.
Adolfo Ferreira Lima, vogal.
Antonio Duarte Montez, vogal.
Joaquim da Silva Raposo, vogal.

COMISSÃO DE PROPAGANDA

Coronel José Antonio Pereira — Braga.
Tenente Eurico Augusto da Silva — Chaves.
Tenente José Lopes Abegão — Figueira da Foz.
Tenente Anisio Soares — Porto.
Henrique Manuel Vieira — Lisboa.

SOCIEDADES DE TIRO FILIADAS

ABRANTES — S. T. n.º 34.

ALGÉS — S. T. n.º 29 (Agregada ao Sport Algés e Dafundo).

ARGANIL — S. T. n.º 39.

AVEIRO — S. T. n.º 38 (Agregada ao Club dos Galitos).

BRAGA — S. T. n.º 28.

CALDAS DA RAINHA — S. T. n.º 23.

CANTANHEDE — S. T. n.º 18 (Agregada ao ao Gremio Recreativo e Velocipedico).

CHAVES — S. T. n.º 17 (Antiga 9.ª — Filial da União dos Atiradores Civis Portugueses).

COIMBRA — S. T. n.º 21 (Agregada ao Sport Club Conimbricense) — S. T. n.º 22 (Agregada ao União Foot-Ball Coimbra Club) — S. T. n.º 24 (Agregada á Associação Academica de Coimbra) — S. T. n.º 32 (Agregada á Liga Sportiva dos Olivaes) — S. T. n.º 40 (Agregada ao P. Foot Ball C. lub) — S. T. n.º 42 (Agregada ao S. C. Foot-Ball C).

EVORA — S. T. n.º 33.

FIGUEIRA DA FOZ — S. T. n.º 5 (Agregada á Associação Naval 1.º de Maio) — S. T. n.º 13 (Agregada ao Ginasio Club Figueirense) — S. T. n.º 15 (Agregada ao Sporting Club Figueirense).

FUNCHAL — S. T. n.º 41 (Ag. ao C. S. da Mad.).

GUARDA — S. T. N.º 7.

LEIRIA — S. T. N.º 6 (Ant. 1.ª fi. da U. A. C. P.).

LISBOA — S. T. N.º 1 (Antiga União dos Atiradores Civis Portugueses) — S. T. N.º 2 (Antigo Grupo Patria) — S. T. N.º 3 (Agregada ao Ginasio Club Português) — S. T. N.º 10 (Agregada ao Club Internacional de Foot-Ball) — S. T. N.º 30 (Agregada ao Club Sportivo de Pedrouços) — S. T. N.º 31 (Agregada ao Grupo Desportivo do Instituto Superior Tecnico) — S. T. N.º 36 (Agregada á Associação Academica do Instituto Superior do Comercio).

MAFRA — S. T. N.º 14.

MORTAGUA — S. T. N.º 8 e S. T. Ñ.º 19.

OVAR — S. T. N.º 25 (Agregada á A. D O) — S. T. N.º 26 (Agregada ao Sport Club de Ovar).

PAIÃO — S. T. N.º 20.

PINHEL — S. T. N.º 16.

PORTO — S. T. N.º 43 (Agregada ao C. F. P.

SETUBAL — S. T. N.º 12 (Agregada ao C. N. S.).

TOMAR — S. T. N.º 4.

VALONGO — S. T. N.º 37.

VIANA DO CASTELO — S. T. N.º 27 (Agregada ao Sport Club Vianense).

VIZEU — S. T. N. 35.

ANO I N.º 1 1926-FEVEREIRO

O TIRO NACIONAL

BOLETIM OFICIAL

DA

FEDERAÇÃO DO TIRO NACIONAL PORTUGUÊS

(Instituida pelo Decreto n.º 2234 de 24 de Fevereiro de 1916)

Filiada na Union International de Tir

DIRECTOR, PROPRIETARIO E EDITOR
COMISSÃO EXECUTIVA
DA FEDERAÇÃO DO TIRO NACIONAL PORTUGUÊS

SÉDE PROVISORIA
RUA DO BEMFORMOSO, 174, 3.º
LISBOA

COMPOSIÇÃO E IMPRESSÃO
TIPOGRAFIA AMERICA
RUA DA ESCOLA POLITECNICA, 267 – LISBOA

Desenvolver e interessar a massa do Paiz na pratica do Tiro de guerra é concorrer para o fortalecimento e garantia da nossa independencia, transformando todo o portuguez em um combatente de valor.

Conscio e seguro dos efeitos que tirará do emprego da sua arma, terá o combatente uma maior força moral no combate, como ao que o Comanda trará uma maior tranquilidade, uma maior confiança nos seus homens, uma maior certeza no conseguimento de um bom resultado na missão que lhe foi atribuida, concorrendo assim o Tiro para o levantamento moral de todo o exercito.

A pratica do Tiro deve pois ser cultivada e cuidada com todo o carinho, como uma das maiores bases em que assenta o edificio da Nação Armada.

22-2-926.

JOSÉ MASCARENHAS
MINISTRO DA GUERRA

SUMARIO

PARTE OFICIAL:

A nossa missão — Comissão Executiva
Sessão da Comissão Executiva.
Portugal na VIII Olimpiada.
Uma audiencia do Sr. Ministro da Guerra.
Uma circular do Ministerio da Guerra.
XXV Concurso Nacional de Tiro — 1925 — As suas contas.
Aos nossos assinantes.
A's Sociedades de Tiro.

PARTE NÃO OFICIAL:

O Tiro e a Nação — Dario Cannas.
O Tiro Civil, base da Nação Armada — Capitão Andréa Ferreira.
Regulamento do Tiro Nacional
Ecos das Sociedades.

PARTE OFICIAL

A NOSSA MISSÃO

Decorreram já dez anos depois que foi instituida a Federação do Tiro Nacional Português, mas, ou porque a epoca da sua criação foi pouco propicia á realisação da obra que lhe era atribuida, ou por qualquer outro fenomeno de psicologia colectiva, forçoso é reconhecer que tem arrastado até hoje uma vida toda teórica. Nunca a Federação foi integrada no grande papel de organismo orientador, que lhe cabe na propaganda e na prática do tiro, e, por isso, decorridos esses dez anos em pura perda, o Tiro Nacional caiu na indiferença de muitos e no esquecimento da maior parte.

E' certo que no decorrer do ultimo ano quasi duplicou o numero de Sociedades de Tiro, mas é preciso que nos não iludamos com essa aparencia de progresso, porque de aparencia não passa. No fundo, o Tiro Nacional continua a viver uma existencia ficticia de que não é o Estado o maior responsavel.

Ha que reconstruir, quasi desde os seus fundamentos, toda a organisação do Tiro Nacional, levando a pratica do tiro aos campos e ás escolas; ha que interessar mais efectivamente nessa obra tão intimamente ligada á Defeza Nacional, o Estado e, sobretudo, as municipalidades; ha, finalmente, que coordenar e estimular os esforços, até agora dispersos, dos que desejam elevar o Tiro Nacional ao nivel que exige um País, como o nosso, cioso da sua independencia, mas fraco de recursos materiais.

Muito embora uma tão longa solução de continuidade torne assombrosamente pesada a tarefa da Federação neste momento, a sua Comissão Exe-

Comissão Executiva

SESSÃO DE 20 DE FEVEREIRO)

EXPEDIENTE:

a) Oficio da Repartição do Gabinete do Ministerio da Guerra, em data de 18, comunicando o despacho de S. Ex.ª o Ministro, ácerca da exposição que lhe foi presente pela Comissão Executiva da Federação no dia 9;

b) Oficio do Comité Olimpico Português, comunicando projectar a organisação de provas internacionais de preparação Olimpica e pedindo informação ácerca da prova de Tiro e da epoca mais conveniente para a sua realisação;

c) Oficio da 4.ª Rep. da 1.ª D. G. do Ministerio da Guerra, pedindo a indicação de um delegado da Federação e de três das S. T. para o juri do XXVI C. N. T.;

d) Oficio da União Velocipedica Portuguesa, datado de 15, e recebido em 19, pedindo a comparencia de um representante da Federação numa reunião preparatoria para a organisação de uma Confederação dos Desportos.

Membros presentes: Dr. Antonio Martins, presidente; Dario Canas, vice-presidente; João Matos, tesoureiro; Antonio Manuel dos Reis, vogal efectivo; Silva Guerra e Fernando Viegas, secretarios.

Discutidos os assuntos marcados para ordem da sessão, foram tomadas as seguintes resoluções:

1.ª Informar o C. O. P. de que vai ser elaborado o regulamento das provas de preparação olimpica e indicar a 2.ª quinzena de abril proximo para a sua realisação, podendo, assim, servir essas provas para a selecção da delegação portuguesa, no caso de uma possivel participação nos «Matches Internacionais» que no corrente ano terão lugar em Parma (Italia).

2.ª Informar ainda o C. O. P. de que se julga dispensavel a vinda de atiradores estrangeiros ás provas de preparacão olimpica, por ao dispendio excessivo a que essa vinda obriga, não corresponderem os ensinamentos colhidos, sendo preferivel subsidiar a representacão portuguesa nos concursos internacionais.

3.ª Indicar o sr. Dario Canas, vice-presidente da Comissão Executiva, para representar a Federação no juri do XXVI C. N. de T. e pedir ás Sociedades n.os 1, 2 e 30, de Lisboa, por serem as de maior numero de associados, a indicação de representantes seus para o mesmo juri.

4.ª Informar a União Velocipedica Portuguesa de que não foi possivel nomear o representante da Federacão para a reunião preparatoria da organisação duma Confederacão dos Desportos, por ter chegado tarde o seu oficio, aproveitando o ensejo para comunicar que, em principio, a Federação do Tiro Nacional Português não concorda com a organisação de uma Confederação dos Desportos, cuja missão cabe dentro das atribuições do Comité Olimpico Português reservando contudo para melhor oportunidade a sua resolução definitiva.

5.ª Organisar e enviar ao parecer da Comissão Tecnica o regulamento das provas de preparação olimpica e de seleccão da delegação portuguesa ao Concurso Internacional de Parma, e bem assim o das provas de treino obrigatorio para os atiradores seleccionados para as «Delegacões Nacionais» que devem realisar-se durante a 2.ª quinzena de março e 1.ª quinzena de abril.

6.ª Consignar na acta um voto de louvor á Empresa do Elevador de Santa Luzia, de Viana do Castelo, porque, concedendo uma redução de 50 % no custo do transporte dos socios da S. de T. n.º 27 para a Carreira de Tiro, prestou um grande serviço á causa do Tiro Nacional, digno do reconhecimento de todos os portugueses.

---

cutiva propôs-se tentar o inicio de uma era nova para a nossa patriotica causa. Carece, porém, da cooperação de todos os portugueses, atiradores ou não, para lançar em terreno firme os seus alicerces, e foi para a conseguir que julgou indispensavel a publicação do «Boletim Oficial da Federação».

Nêle encontrarão todos os que pretenderem honral-a com o seu auxilio, o ambiente proprio para a exposição das suas ideias e opiniões, esclarecendo-a e facilitando-lhe a missão que honestamente se impôs.

Com um pouco de perseverança, estamos certos de que em breve passará a hesitação dos primeiros passos.

A COMISSÃO EXECUTIVA.

Portugal na VIII Olympiada

O C. O. P. acaba de dar á publicidade o relatorio da participação de Portugal na VIII Olympiada, do qual, com a devida uénia, passamos a transcrever a parte que respeita ao Tiro:

«*Tiro* — A *équipe* portuguesa, alem das provas oficiais dos Jogos Olimpicos, disputou tambem os «matches internacionais», que são os concursos mais importantes do mundo. Os resultados foram os seguintes:

Union-Bonheur — Espingarda — 300 atiradores premiados de 19 nações — 5.º, dr. Antonio Martins; 122.º, capitão Andréa; 138.º, Antonio Montez; 185.º, tenente Guerra; 216.º, Dario Canas.

19.º «Match» Internacional de Pistola, a prova classica do campeonato, na qual se inscreveram «équipes» de 16 nações, sendo cada «équipe» formada de 5 atiradores: 1.º, Suiça, com 2:572 pontos; 2, , França, 2:561; 3.º, Dinamarca, 2:540; 4. Estados Unidos da América, 2:505: 5.º, Espanha, 2:424; 6.º, Belgica, 2:421; 7.º, Argentina, 2:420; 8.º, Italia, 2:418; 9.º, *Portugal, com 2:412 pontos;* 10 , Finlandia, 2:327; 11.º, Tcheco-Slovaquia, 2:302; 12. Holanda, 2:109; 13.º, Polonia, 1:576. Desistiram a Grecia, o Principado de Monaco e a Romania.

A vitória dos primeiros classificados deve se á homogeneidade das suas «équipes».

Os resultados obtidos durante este torneio classico, tambem contavam para o titulo de campeão do mundo, em conformidade com o numero de «pontos», obtidos individualmente. Ficou campeão o dr. Schnyder, suiço, que conseguiu realisar 531 pontos. As melhores séries a seguir foram: Van Asbrock, belga, 527; Lhermann, dinamarquês, 527; Hanny, suiço. 526; Petit, francês, 525; *dr Antonio Martins, português, 524;* Arauz, argentino, 523; marquês de Castelbajac, francês, 517; Lone, americano, 516; Keller-Dorian, francês, 515; Jeusen, dinamarquês, 513; Theslof, finlandês, 512; suiço Koning, francês Veyssieri, dinamarquês Moller, 511; italiano Micheli, 507; suiço Brunner, 507; americano Whaling, 503; italiano Ismardi, 501; americano Calkins, 500.

A nossa «équipe» obteve os pontos seguintes dr. Antonio Martins, 524; Mendonça, 496; Felix Bermudes, 482; Antonio Montez, 459 e capitão Ferreira, 451.

O resultado obtido pelo dr. Antonio Martins, neste torneio, entre os 80 melhores atiradores de pistola que se conhecem em todo o mundo, dá motivo, de orgulho á representação de Portugal.

Prova olimpica de Carabina a 50 metros — 68 atiradores seleccionados—20. , dr. Antonio Martins; 49.º, A. Mendonça; 55.º, capitão Andréa; 62.º, major Real. Este ultimo atirador foi infeliz no concurso, porque é considerado o nosso melhor «especialista» neste «tiro».

Prova olimpica de armas livres, a 600 metros — Tiro individual — 73 atiradores — Dario Canas, 62.º; major Real, 69.º; tenente Guerra, 71.º. Os nossos atiradores não tinham suficiente experiencia das armas, que apenas utilisavam ha dez dias. Esta mesma inexperiencia fez com que a «équipe» portuguêsa, no torneio de

Prova Olimpica de armas livres a 400, 600 e 800 metros, em que entravam 19 nações, representadas por «équipes» de 5 atiradores, ficasse em 17.º lugar, tendo desistido a Argentina e Inglaterra. Venceu a America com 676 pontos. Portugal conseguiu 427 pontos (Bermudes, 76; Guerra, 94; Canas, 97; Soares, 93 e Real, 67).

Prova Olimpica de pistola a 25 metros—Velocidade—53 atiradores—9.º, dr. Antonio Martins e Mendonça; 30.º, Antonio Montez; 40.º, capitão Andréa.

Carta de mestre atirador espingarda a 200 metros — Minimo 50 cartões—Tenente Anisio Soares, 50 cartões.

Carta de primeiros atiradores, espingarda a 200 metros—Maximo 49 cartões—Felix Bermudes, com um magnifico agrupamento; Dario Canas, capitão Andréa, 49 cartões.

Mestre atirador á pistola a 50 metros—Felix Bermudes, com 58 cartões; dr. Antonio Martins, com 55 cartões.

Primeiros atiradores á pistola a 50 metros—Mendonça, com 47 cartões; Antonio Montez, com 45.

Mestres atiradores ao revolver a 20 metros—Antonio Montez, com 48 cartões.

Primeiros atiradores com o revolver a 20 metros —Dr. Antonio Martins, com 46 cartões; Mendonça, com 43.

Alvo «Reims», espingarda a 200 metros — Dario Canas classificado entre os 15 que fizeram as 10 melhores séries (12.º lugar); tenente Guerra, 30.º; tenente Anisio, 161.º; major Real, 249.º; Felix Bermudes, 314.º; dr. Martins, 517.º; Antonio Montez, 634.º Mendonça, 687.º. Nesta prova atiraram 731 concorrentes.

Alvo Champagne, espingarda, a 200m —Tenente Anisio Soares 37.º; entre 250 inscritos.

Bonne Cible, espingarda, a 200 metros—Classificação por pontos-26.º, tenente Anisio Soares; 79.º, tenente Guerra entre 150 concorrentes premiados.

Bonne Cible, espingarda, a 200 metros—Classificação aos centros—8.º, dr. Antonio Martins; 24.º, Dario Canas, em 150 concorrentes premiados.

Concurso de Honra do Ministro da Guerra—Prova de seleccionados—Maximo 100 pontos—Espingarda a 200 metros—5.º, tenente Anisio Soares; 15.º, dr. Antonio Martins.

Bonne Cible, espingarda, 300 metros—Mendonça, 33.º; Dario Canas, 98.º; dr. Antonio Martins, 103.º; tenente Guerra, 110.º; tenente Anisio Soares, 118.º; em 150 atiradores, premiados

Concurso de Sociedades, espingarda a 300 metros —20.ª a Sociedade de Tiro n.º 2 (Antigo Grupo Patria), entre 55 Sociedades inscritas.

Pistola e revolver a 50 metros, séries ilimitadas—6.º, dr. Antonio Martins; 25.º, Felix Bermudes; 42.º, A. Mendonça; 53.º, Antonio Montez, em 141 concorrentes.

Pedimos licença para acrescentar os seguites esclarecimentos que reputamos indispensaveis:

Foi, de facto, bastante insuficiente o tempo concedido aos nossos seleccionados para o seu treino, mas outros motivos de ordem material influiram mais fortemente na classificação da delegação portuguesa nas provas de arma livre.

As armas de que os nossos atiradores fiseram uso nestas provas, tinham já bastantes anos de uso e, sobretudo, de má conservação; os aparelhos de pontaria de que são dotadas, já ha muito foram postos de parte por quem concorre ás provas internacionais com desejo de ser bem classificado. Se acrescentarmos que as munições nacionais estão muito longe de competir, já em velocidade inicial, já em perfeição de fabrico, com qualquer das empregadas pelas outras nações concorrentes, ficará suficientemente explicado o motivo porque as classificações nestas provas não corresponderam ás obtidas nas provas com armas de guerra. E para as ultimas o treino não era maior, por se ter usado a espingarda Lebel, distribuida ao exercito francês.

Na categoria «Reims»—series ilimitadas a 200 metros—apenas se empenharam Dario Canas e tenente Silva Guerra, tendo os restantes feito apenas algumas series para treino. Dahi a disparidade na classifcação geral.

O Sr. Ministro da Guerra e o Tiro Nacional

A Comissão Executiva da Federação foi recebida, no dia 9 do corrente, pelo titular da pasta da Guerra, Ex.mo Sr. Tenente Coronel do Estado Maior, José de Mascarenhas.

Essa audiencia que fôra solicitada com o fim de cumprimentar Sua Ex.ª e de pedir o seu pa-

trocinio para o deferimento de uma serie de aspirações condensadas num memorial, foi bem uma recompensa ao esforço que a Comissão Executiva vem empregando no sentido de fazer despertar do seu letargo a nossa primeira instituição de Tiro.

Conheciamos já o largo espirito de iniciativa e as excepcionais faculdades de organisador que caracterisam o ilustre militar, mas encantou-nos, a par da lhaneza do seu trato, o lisongeiro acolhimento com que honrou as pretensões que a Comissão Executiva lhe apresentou em nome dos atiradores portuguêses, e que nos deixou a esperança, se não a certeza, de que o Tiro Nacional vai finalmente entrar numa fase de aperfeiçoamento organico e de progresso material.

Eis o que constava do memorial agora na posse do ilustre Ministro da Guerra:

Senhor Ministro da Guerra

A' Federação do Tiro Nacional Português não podia passar despercebida a passagem pela pasta da Guerra, de um militar ilustre, cujos actos são já uma esperança e uma garantia de que por essa pasta muito de util surgirá para o País sob o ponto de vista da Defesa Nacional, e assim, ao mesmo tempo que tem a honra de saudar V. Ex.ª, toma a liberdade de submeter á sua esclarecida apreciação o seguinte:

O Tiro Nacional, instituição creada por decreto de 24 de Fevereiro de 1916, não é infelizmente, no nosso País, o que exige que seja a sua intima ligação com a preparação dos cidadãos para a Defesa do Territorio Nacional.

O actual Regulamento do Tiro Nacional não póde ser encarado senão como um primeiro passo para a finalidade que se pretende atingir, e como tal não corresponde na ocasião presente, ao grande papel que lhe está reservado como base fundamental do desenvolvimento e propaganda do tiro ao alvo.

Impõe-se por isso, em nossa opinião, a sua substituição por um diploma que uns anos de prática tornarão forçosamente mais perfeito.

Mas uma obra de tão vasto alcance, exige, necessariamente um longo estudo, e por isso a Comissão Executiva da Federação do Tiro Nacional Português, interpretando o sentir dos atiradores portuguêses, vem solicitar a atenção de V. Ex.ª para a leitura dos problemas e aspirações que neste momento mais interessam ao Tiro Nacional:

I

Nomeação de uma comissão encarregada do estudo de um novo Regulamento do Tiro Nacional.

II

Beneficiação das armas existentes nas diferentes Carreiras de Tiro, tão vasta quanto o permita o estado do Tesouro.

III

Melhorar na medida do possivel o fabrico das munições de guerra, de modo a permitir aos atiradores obter nas suas provas, torneios e concursos, resultados que se aproximem dos que se conseguem no estrangeiro e a reduzir ao minimo o numero de desastres ocasionados, segundo se crê, por defeitos de fabrico.

IV

Incluir a instrução de tiro ao alvo no programa das escolas de preparação militar, junto dos estabelecimentos de instrução secundaria, inclusivamente sugerindo ou obrigando a creação de uma Sociedade de Tiro em cada um desses estabelecimentos.

V

Inclusão no orçamento do Ministerio da Guerra de uma verba destinada a subsidiar anualmente a Federação do Tiro Nacional Português, que, vivendo apenas da percentagem entregue pelas Sociedades de Tiro, recebe actualmente apenas cerca de Esc. 2.500$00.

VI

Concessão de cartuchos com bala á Federação do Tiro Nacional Português com o fim de esta os distribuir como premios em provas de tiro, por intermedio das diversas Carreiras de País.

VII

Reforçar as verbas destinadas ás Carreiras de Tiro do País, de modo a permitir ás suas Direcções uma acção mais eficiente na sua conservação e na instrução do tiro.

VIII

Proposta de lei reconhecendo a Federação do Tiro Nacional Português e as Sociedades de Tiro como instituições de utilidade publica.

IX

Proposta de lei isentando de franquia postal a correspondencia expedida pela Federação do Tiro Nacional Português e pelas Sociedades de Tiro.

Eis Senhor Ministro, o que de momento nos parece mais necessario ao progresso e desenvolvimento do Tiro Nacional e que ousamos esperar V. Ex.ª ajude e promova na medida do possivel.

Saude e Fraternidade

Lisboa, 9 de Fevereiro de 1926.

A Comissão Executiva

Pois o ilustre Ministro, como para provar que não eram vãs as animadoras palavras com que nos

acolheu, não demorou o seu despacho, e poucos dias depois recebiamos do seu chefe de gabinete o seguinte oficio que seria injustiça não apresentar á gratidão dos atiradores portugueses:

Ex.mo Sr.

«Sua Ex.ª o Ministro da Guerea, a quem foi presente a exposição dessa Federação, datada de 9 do corrente, incumbe-me de comunicar a V. Ex.ª que já nomeou a Comissão encarregada de elaborar um novo regulamento de tiro nacional.

Incumbe-me mais o mesmo Ex.mo Sr. de dizer a V. Ex.ª que concordou com a proposta nos n.os IV, V, VI e VII da referida exposição.

Por ultimo incumbe-me ainda o mesmo Ex.mo Sr. de dizer a V. Ex.ª que vae elaborar uma proposta sobre os n.os VIII e IX da citada exposição.

O Chefe do Gabinete

Antonio Couceiro de Albuquerque.

Tão crentes estamos de que teremos obtido do Estado tudo quanto, de momento, póde dar em favor do Tiro Nacional, se fôr remodelado o R. T. N. em bases progressivas e efectivadas as restantes aspirações condensadas no memorial entregue ao sr. Ministro da Guerra, que nos atrevemos a afirmar aos nossos camaradas que, depois disso, só uma condição nos falta para progredir; *trabalhar com metodo e perseverança.*

Uma circular do Ministerio da Guerra

O Ministerio da Guerra, pela 4.ª Repartição da 1.ª Direcção Geral, expediu em 4 do corrente, e sob o n.º 255/23, ás Inspecções de Infantaria das Divisões do Exercito, a seguinte circular:

«Para que V. Ex.ª se digne transmitir ás Carreiras de Tiro da area dessa Inspecção, encarrega-me Sua Ex.ª o General Director Geral de dizer que foi determinado o seguinte: — Convindo harmonisar a instrução de tiro dos atiradores civis que de futuro se matriculem, com o disposto no n.º 4.º do art. 95.º e artigos 96.º e 97.º do R. T. N., e sendo util que essa modificação se faça em harmonia com a nova tabela de tiro, já em execução, é para o futuro exigida áqueles atiradores esta tabela de tiro de recruta, em substituição da indicada no citado regulamento, e sem a execução da qual não será permitida aos mesmos atiradores civis a pratica de sessões livres. O tiro de classificação a que se refere o artigo 96.º deverá ser feito nas condições deste artigo, mas executado segundo a nova tabela. Para regularidade de estatistica do tiro civil, será aberta matricula aos atiradores militares, qualquer que seja o escalão a que pertençam, ficando assim alterado o art. 50.º, constituindo uma nova serie a acrescentar ao art. 48.º, mas sendo dispensados da execução do tiro de recruta, podendo, contudo, executar o de classificação».

XXV CONCURSO NACIONAL DE TIRO — 1925

AS SUAS CONTAS

Receitas

Verba orçamental	1.200$00
Reforço da verba orçamental	6.645$00
Donativos das entidades civis e militares	9.863$00
Inscrições	1.277$50
Taxas	7.950$00
Venda de capas para minutas	26$00
Soma	26.959$50

Despesas

Premios pecuniarios	6.510$00
" adquiridos pelo juri	1.454$00
4 medalhas de ouro, 24 de vermeil, 107 de prata e 26 de bronze	3.441$99
Gravura de taças, chapas de prata e uma palma de prata	188$20
Diplomas	900$00
Concerto de emblemas de «mestre atirador»	19$00
4 emblemas de prata	160$00
Circulares	152$00
Programas	800$00
Desenho da capa do programa	50$00
Fotografias para a capa do programa	13$00
Minutas	1.100$00
Impressos diversos e expediente	1.797$90
Alvos (gravura e papel)	4.977$00
Alvos (cartão)	760$00
Madeira, tintas, pregos, etc., para bastidores	2.416$68
Vazelina, oleo. trapo, ferramentas, etc.	360$27
Taxas e franquias postais	67$66
Ornamentações e aluguer de 150 cadeiras	102$20
Reparação do leito da Carreira de Tiro	39$00

Farmacia.....	57$80
Exposição de premios (transporte e gratificações).....	133$40
Transportes diversos.....	205$80
3 rôlos de fita cinematografica para complemento do film mandado executar pelo Ministerio da Guerra.....	516$00
Saldo que reverteu para a construção do vestiario para atiradores	737$60
Soma.....	26.959$50

Aos nossos assinantes

A Comissão Executiva enviou uma circular ás Sociedades filiadas, em data de 2 de Janeiro ultimo, pedindo a sua colaboração no sentido de se obter para o Boletim da Federação o maior numero possivel de assinantes, visto que a uma maior tiragem corresponderia uma proporcional reducção no custo da assinatura.

O nosso apêlo, é com pesar que o confessamos, não mereceu a mais leve resposta da maioria das Sociedades, o que atribuimos, não a desinteresse, mas a falta de confiança, aliás justificada pelo habito em que todos estamos, ha anos, em ver aliadas a «muita eloquencia» e a «pouca diligencia».

Porque é indispensavel ganhar a confiança e despertar o interesse de todos os nossos camaradas atiradores, e ainda porque reputamos a publicação do Boletim uma urgente necessidade para a execução de um plano de reformas na vida interna da Federação, sái hoje o primeiro numero de «O TIRO NACIONAL» com um aspecto grafico que só dentro de dois mezes nos será possivel harmonisar com os nossos projectos.

Seria injustiça deixar de aproveitar o ensejo para informar os nossos leitores de que as despezas com este primeiro numero são cobertas por um benemerito camarada, cujo nome somos forçados a conservar incognito por exigencias da sua modestia, só comparavel ao seu muito amôr á causa do Tiro Nacional.

Enviamos ás Sociedades alguns exemplares, destinados aos seus associados que desejem inscrever-se desde já como assinantes, esperando a remessa urgente da respectiva lista e a devolução dos exemplares excedentes.

Para vigorarem até á elaboração do estatuto da Federação, a Comissão executiva estabeleceu as seguintes condições de assinatura:

a) *Preço da assinatura:*

Por ano ou serie de 12 numeros..	*12$00*
Por semestre ou serie de 6 numeros	*6$50*
Numero avulso.....	*1$20*

b) *O pagamento deve ser feito na séde da Federação, ou por meio de vales, sêlos ou ordens portaes, até 15 do mez imediato ao do inicio da assinatura. Findo este praso, os recibos serão enviados á cobrança com uma sobretaxa de 10 °/o para as respectivas despesas.*

c) *E' enviado um exemplar gratuito a cada Sociedade de Tiro filiada.*

A'S SOCIEDADES DE TIRO

A todas as S. T. que ainda não enviaram á Federação a importancia da cota relativa ao corrente ano, pedimos para o fazerem com a maior brevidade, visto ter expirado em 31 de Janeiro ultimo o praso para tal concedido pelo R. T. N.

PARTE NÃO OFICIAL

O TIRO E A NAÇÃO

Inicia hoje a Federação do Tiro Nacional a publicação do seu boletim mensal. Há muito que todos aqueles que teem tido a honra de dirigir esta patriotica instituição compreenderam quanto era necessaria entre nós a publicação deste jornal e felizmente é hoje um facto terem as Sociedades de tiro e os atiradores portuguezes um orgão seu.

Não me cumpre traçar o programa da orientação do nosso boletim, mas interpretando o sentir geral, quero contribuir quanto possa para que esta tribuna dos atiradores se mantenha sempre aberta a todos aqueles que pretendam lealmente expôr as suas ideias em prol da causa, que ha largos anos vimos propagando como uma causa nacional.

Em Portugal, ainda se não faz tiro. O facto de termos alguns atiradores que são sem duvida de primeira categoria em qualquer parte, pouco interessa. O que se pretende é fazer atiradores, muitos atiradores, tantos quantos bastem para garantirem com as suas aptidões a defeza nacional.

E' isto que há muito vimos dizendo. E' para isto que creamos mais este meio de propaganda.

Ao lançarmos este orgão do tiro em 1926, recordamos com saudade o «Tiro e Sport» que há bons 25 anos nos antecedeu e onde os devotados amigos do tiro daquele tempo começavam a fazer a primeira propaganda do tiro no nosso paiz.

Eu já venho desse tempo; já então eu compreendia quanto o nosso pobre paiz tinha necessidade de ser um paiz de atiradores e se a propaganda então iniciada não deu aqueles resultados que tão uteis eram, aqui estamos ainda a mostrar aos novos que não nos abandonou a esperança de vermos em Portugal o tiro nacional com o desenvolvimento que necessita ter.

Há 25 ou 30 anos atraz, os atiradores portugueses eram, com rarissimas exceções, todos da classe civil. As aptidões dalguns eram tão notaveis, que ainda hoje recordamos com veneração grande parte dos seus feitos.

Porem, todos eles somados no paiz, a quanto montaram ?

Meio cento se tanto!!

D'ahi para cá quantos adeptos á patriotica causa teem vindo!

Pouquissimos em relação ao espaço de tempo.

Com os nossos venerandos veteranos, já quasi no seu numero, aprendemos a ter esperança no futuro e mais agora que nunca, confiamos no exito da propaganda desta causa que tanta simpatia merece a todos, que tão util é á nação e que tão facil é de frutificar com a boa vontade de todos.

Atravessamos uma epoca em que todos devemos ser praticos e deixarmos os comodismos esperando que o Estado faça tudo.

O desenvolvimento do Tiro Nacional tem que ser grandemente patrocinado pelo Estado, mas a sua propaganda para ser eficiente tem que ser feita por todos nós.

Cada um que compreende as vantagens de ser atirador e ama verdadeiramente a sua Patria, é que deve chamar adeptos á nossa causa e procurar incutir-lhes no espirito a necessidade imperiosa para a nação de que cada um dos seus filhos seja um util defensor da sua terra.

O Estado tem que compreender isto. O Estado tem que contribuir com o seu esforço para dar a todos, os meios de se instruirem facultando-lhes carreiras de tiro, armas, munições e pessoal competente para a instrução.

Nós temos que compreender que o nosso dever é correr voluntario a essas carreiras de tiro e ali, preparar o nosso braço, a bem servir-se da arma que nos é confiada.

Julgamos que o auxilio do Estado nos não faltará e ao escrevermos estas modestas linhas sentimos bem vivas as palavras de incitamento e de franco apoio que ouvimos ha dias ao ilustre Ministro da Guerra, tenente-coronel Sr. José Esteves de Mascarenhas, que com a mais clara inteligencia nos expôz o seu pensar sobre o Tiro Nacional inteiramente em acordo com a intuição que dele temos.

As suas palavras inspiram-nos a maxima confiança na sua poderosa ação e valiosa colaboração.

As urgentes reformas que a Federação do Tiro necessita para poder dar uma expansão maior aos seus trabalhos, serão, estamos certos, um facto muito em breve e por tudo isto, nós esperamos, que o tiro em Portugal venha muito em pouco, a ser um dos desportos mais homogeneos devido á sua caracteristica patriotica, e esperamos tambem que a iniativa da Federação encontre da parte de todos que se interessam por este problema, aquele acolhimento indispensavel que será o exito seguro da nossa Cruzada.

DARIO CANNAS.
(Da F. T. N. P.)

O TIRO CIVIL,
BASE DA NAÇÃO ARMADA

oooooooooooo

Inicia-se hoje a publicação de «O Tiro Nacional» que vem preencher a lacuna que já ha tanto tempo se fazia sentir no seio do desporto do tiro ao alvo.

No tempo em que a União dos Atiradores Civis Portuguezes conglobava em si tudo quanto interessava ao Tiro Nacional, fez esta prestimosa Sociedade a publicação periodica do seu Boletim que cessou desde que a sua missão passou para a Federação do Tiro Nacional Português.

Desde essa ocasião competia, portanto, á Federação continuar a publicação daquele Boletim, porém, tendo esta, só ha dois anos, acordado da sua letargia, apenas no corrente se abalançou á continuação de uma obra que deverá ser o factor de suma preponderancia no desenvolvimento do Tiro Nacional.

A expansão de ideias por meio de um orgão proprio que as acolha com carinho e entusiasmo, poderá muito bem contribuir grandemente para a propaganda do Tiro, desde que essas ideias sejam absolutamente destituidas do clubismo estiolante que o portuguez tanto costuma perfilhar. *O Tiro Nacional*, sómente sob o seu aspecto desportivo, abolido o individualismo, deve ser sempre a base de todas as discussões, de modo a tornar, tão perfeito quanto possivel, o seu desenvolvimento, atendendo aos supremos interesses da Defeza Nacional e á nossa condigna e proficua representação nas provas internacionais.

Aqui deverão ser aceites e bem acolhidas todas as ideias do progresso do tiro e do seu conhecimento tecnico, deverão figurar todos os maximos nacionais em confronto com os internacionais, especificando as condições especiais em que foram feitos e deverão ficar inscritos todos os resultados das provas organisadas nos varios pontos do país, pelas Sociedades e pelas Carreiras de Tiro.

O mais interessado de todos nesta cruzada do *Tiro Nacional*, é, sem duvida, o Estado, porquanto, destinando-se o tiro ao adestramento dos civis e aperfeiçoamento das qualidades dos militares, numa futura guerra tem a Nação um nucleo de cidadãos que em sua defeza possa fazer um uso consciencioso e economico das suas armas. A despeza da instrucção do Tiro Civil traduz-se mais tarde numa economia apreciavel, proveniente de um menor dispendio de munições para se atingir o mesmo fim, com as vantagens de um maior efeito moral e de uma plena confiança em si. Por isso deve dar-se á instrucção do tiro civil, não só toda a facilidade possivel, mas tambem toda a obrigatoriedade compativel com as condições materiais disponiveis. Mais ainda. Sendo a organisação miliciana aquela que actualmente está em vigor em

Portugal, adaptada por comparação com o que existe em outros paizes, faltou-nos olhar para as suas bases essenciais e indiscutivelmente imprescindiveis.

A organisação militar miliciana apoia-se sobre uma densa rêde de sociedades de preparação fisica e de sociedades de tiro. E' absolutamente necessario criar em todo o país, obrigatoriamente em cada conselho, pelo menos, uma sociedade de ginastica e uma sociedade de tiro. A criação de campos de jogos e carreiras para tiro reduzido com armas de guerra, impõem-se portanto.

Nestas condições, a permanencia dos mancebos nas fileiras apenas corresponderia, para o periodo de instrução, ás necessidades da instrução tecnica e tática e serviço de campanha. Estes mancebos viriam fisicamente preparados e com noções completas do uso das armas de guerra, instrucções que, por si, empatam metade do tempo do periodo de preparação militar, que se dá geralmente a trouxe-mouxe e com pouco proveito. E' assim que eu compreendo a organisação miliciana como podendo dar bons resultados entre nós. Este sistema ainda, pela aplicação dos melhores metodos e pela pratica dos desportos atleticos, levaria a um revigoramento da raça, a uma mais perfeita adaptação desportiva das qualidades de cada um e, finalmente á obtenção de «Azes» nos desportos, não como fim, mas como derivante, porquanto o fim da educação fisica, não é o alcance de maximos, mas sim o equilibrio organico na totalidade dos cultores.

Dir-me-hão que o que exponho é inexequivel por dispendioso! O pessoal, todo militar, já existe e já está pago. A instalação ficaria a cargo das Camaras Municipais, por adiantamento do Estado, e este amortisava esse adiantamento com o que não gastava pela diminuição do tempo de instrucção de recrutas (fardamento, alimentação, prets, etc.). A instrucção, dada lentamente, seria mais proficua e aproveitaria a um maior numero de individuos. Portanto, maior eficiencia militar com economia. Não querendo fazer economia, abrangia-se o dobro dos mancebos com instrução completa e ainda uma grande maioria com desenvolvimento fisico e conhecimentos de tiro aproveitaveis no momento proprio.

A Nação exige dos seus cidadãos o sacrificio na hora propria, mas tambem tem por obrigação preparal-os para que esse sacrificio seja minimo e, sobretudo, essencialmente proveitoso.

Assim como devia ser obrigatoria a todo o cidadão a luz do espirito (ler, escrever e contar), tambem o devia ser a educação fisica e a instrução de tiro, tendentes a fazer de cada um uma maquina potente e consciente, capaz de, no momento oportuno produzir o seu maximo com os mais lisongeiros resultados.

Como se vê, portanto, o problema do Tiro Nacional é palpitante, a dentro da Educação Fisica, de que aliás é um importante ramo, sendo do maior interesse para a Nação. Necessita que para o seu desenvolvimento se congreguem os esforços de todos aqueles que amam o tiro, e mais ainda, de todos aqueles que sentem a necessidade de vêr intacta a integridade da Patria.

Lisboa, Janeiro de 1926.

Antonio Soares de Andrea Ferreira
Capitão de Infantaria
(Mestre atirador)

Regulamento do Tiro Nacional

Quando ia a entrar na maquina o presente numero, chegou ao nosso conhecimento a seguinte Portaria do Ministerio da Guerra, publicada na O. E. n.º 3, 2.ª serie, de 22 do corrente:

"Manda o Governo da Republica Portuguesa, pelo Ministerio da Guerra, que uma comissão composta dos oficiais e individuos da classe civil abaixo mencionados, procedam ao estudo das modificações que se torna necessario introduzir no actual regulamento do tiro nacional:

Ten. cor. do E. M. C. Alberto Machado Cardoso dos Santos.

Major de Artilharia a Pé Francisco Antonio Real.

Cap. do E. M. I. Antonio Soares de Andréa Ferreira.

T. da G. N. R. Manuel da Silva Guerra.

Dario Canas, da S. T. n.º 2.

João Matos, da S. Tiro n.º 3.

Adolfo Ferreira Lima, da S. T. n.º 1.

ÉCOS DAS SOCIEDADES

S. T. n.º 1 (Antiga União dos Atiradores Civis Portuguêses) — *Concurso de Inverno* — Classificações em Janeiro de 1926:

300 metros — Espingarda livre: 1.º, Major Real, 159 p.; 2.º, A. J. Baptista, 147 p.; 3.º, Capitão Andréa Ferreira, 117 p.; 4.º, Augusto Reis, 110 p.

200 metros — Espingarda de guerra: 1.º, A. J. Batista, 170 p.; 2.º, E. Pancada, 160 p.; 3.º, Major Montano, 151 p.; 4.º, João Matos, 140 p.; 5.º, Augusto Soares, 136 p.; 6.º, Augusto Reis, 133 p.; 7.º, Cap. Andréa Ferreira, 130 p.; 8.º, Dr. Freitas Cruz 118 p..

100 metros — Espingarda de guerra: 1.º, Sales Henriques, 185 p.; 2.º, Mario Montez, 178 p.; 3.º, Dr. Freitas Cruz, 175 p.; 4.º, Freitas e Silva, 123 pontos.

50 metros — Carabina de precisão: 1.º, Major Real, 186 p..

50 metros — Pistola de precisão: 1.º, Dr. Antonio Martins, 175 p.; 2.º, Capitão Andréa Ferreira, 161 p.; 3.º, Antonio Montez, 157 p.; 4.º Augusto Montez, 157 p.; 4.º, Raul Bastos, 151 p..

25 metros — Pistola de guerra: 1.º, Mendes Gomes, 154 p.; 2.º, Raul Bastos, 150 p.; 3.º, Capitão Andréa Ferreira, 125 p.; 4.º, Augusto Reis, 89 p..